Fernando Coutinho[1]

Antes de qualquer coisa gostaria de agradecer à Comissão Editorial do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro a oportunidade de participar desse debate cujo tema me interessa tanto.

Quero também parabenizar a Comissão pela forma precisa como apresentou sua questão.

Ao estabelecer os fundamentos teóricos de uma nova técnica que colocava em prática no Entwurt (1895) e na Traumdeutung (1900), Freud insiste em inscrever este novo saber sobre o ser humano no campo das ciências, pois pretendia com ele operar sobre um certo real até então incognoscível.

Ele tinha consciência de que se tratava de um saber provisório, em constante mutação e exigindo dos que com ele operavam a disposição para um recomeço inexorável.

O próprio Freud provou ser dono de uma admirável capacidade de recomeçar quando, nos anos 20, deu uma virada radical na teoria que desenvolvia até então, correndo o risco de, com essa virada, desacreditar a psicanálise que já começava a se impor na cultura.

Seus conceitos principais, como o princípio do prazer, a transferência e a pulsão, são profundamente questionados com o Além do Princípio do Prazer e o surgimento de uma segunda tópica do seu aparelho psíquico.

No seu retorno a Freud, Lacan incorporou ao seu ensino, quase totalmente oral, a coragem freudiana do constante recomeço.

---

1. Psicanalista, membro da Associação Mundial de Psicanálise, membro – EBP/RJ.

Sem lançar mão diretamente do conceito de real na psicanálise, por desconhecê-lo, Freud, ao referir-se no Projeto a *das Ding* (a coisa) e ao dar uma resposta simbólica à demanda que lhe dirigiam suas histéricas, concernente ao sofrimento de que padeciam em seus corpos, era desse real, o mesmo que ainda nos desafia hoje, que ele tratava.

Se recorro a essas primeiras construções freudianas é para apontar esse limite, esse grande desafio que esteve presente desde o início da invenção da psicanálise.

Ele é posto diretamente em evidência por Freud na virada dos anos 20, como um limite à prática, evidenciando-se na reação terapêutica negativa, na viscosidade da pulsão e na questão econômica do masoquismo.

O fato é que esse real com o qual Freud se debateu é o mesmo que acompanha os seres falantes desde os primórdios da chamada humanização, desde o momento do divórcio entre o homem e a natureza, o divórcio entre a pulsão e os instintos.

Entretanto, apesar do incômodo que causa ao ser humano, esse real vinha sendo mais ou menos regulado pelo tratamento que lhe era dado pela cultura: a presença das instituições (família, religião, formas de organização social e política etc.).

Com o início da modernidade – que pode ser situado no século XVII, com Descartes – começa uma conquista progressiva desse real pela ciência que não mais cessaria: é a matemática aplicada à física tentando escrever através de fórmulas o real atribuído somente a Deus.

A ilusão de haver domesticado, ao menos em parte, esse real, leva o homem, no final do século XIX, com Nietzsche, a decretar a morte de Deus, sendo conseqüência dessa morte o declínio de todas as instituições por Ele garantidas: a monarquia, a família, a autoridade paterna etc.

Freud, apesar do seu pessimismo em relação ao futuro da humanidade, lança mão de um dispositivo revolucionário para tratar esse real causador de um crescente mal-estar no ser humano: a hipótese do inconsciente. Era o dispositivo que dava um sentido a sofrimentos e formas de comportamento que até então não tinham sentido algum. Se a perna da histérica estava paralisada ou o seu olho perdia a visão, havia uma causa, fora da sua consciência, que produzia esses fenômenos. Se alguém tropeça na fala e diz o oposto do que quer dizer, há também uma causa inconsciente para tal. São os complexos organizados durante a infância e que permanecem em atividade, deixando escapar por essas formações estranhas desejos ignorados pela consciência.

Através da fala, Freud tratava o que não podia ser falado e os efeitos foram tão surpreendentes que geraram uma nova ética de comportamento e com ela uma radical revolução nos costumes sociais.

A psicanálise se firma como um novo saber, ganha insígnias de nobreza, tem penetração nas ciências humanas e nas artes. É louvada em toda civilização ocidental como um bem da humanidade.

Entretanto, esse estrondoso sucesso estava fadado a um fracasso, uma vez que o real por ela tratado também avançava celeremente.

A ciência também avançava vertiginosamente em direção ao real e, paradoxalmente, esse avanço amplamente difundido pela mídia não ajuda em nada à psicanálise.

O real, avassalando o ser humano, torna-o resistente à produção de sentido trazida pela psicanálise.

É aí que surgem as novas tentativas de tratamento do real pelo social, das quais as que tiveram maior impacto foram os movimentos de liberação sexual: o feminismo e o movimento gay. Os movimentos contrários à discriminação racial também foram importantíssimos.

Todavia, apesar desses movimentos terem representado um papel transformador nos costumes e mesmo na cultura do século XX, eles tiveram sua contrapartida. Ao lutar pela inclusão e igualdade de direitos para todos, paradoxalmente eles incrementaram a segregação, sobretudo a auto-segregação das comunidades sexuais, de cor e de etnia.

Juntamente com os fenômenos de auto-segregação sexual, foram surgindo e tomando força as comunidades de crença. Com o enfraquecimento das grandes religiões monoteístas – cristianismo, judaísmo e islamismo – começaram a prosperar as seitas e as comunidades fundamentalistas, originadas destas três religiões.

Ao mesmo tempo em que ocorrem a queda dos valores culturais, políticos e religiosos, o capitalismo globalizante se fortalece e começa a veicular sutil ou ostensivamente um discurso baseado nos avanços da ciência.

Se no final do século XIX tivemos a morte de Deus decretada, no final do século XX chegava a vez de ser decretada a morte do ser humano como sujeito singular, único e original, cedendo lugar a um indivíduo completamente digitalizável e classificado em categorias.

As conquistas resultantes da aplicação da ciência prometem ao homem, através da mídia, uma nova felicidade: a longevidade, a eterna juventude, o gozo do corpo sem limites, o desaparecimento dos estados de tristeza, a domesticação do desejo etc.

No entanto, há um preço a pagar por tudo isso.

Em primeiro lugar, um preço material (que é o que interessa ao capital global): o consumo dos bens produzidos pelas fábricas do mestre capitalista (fármacos, *gadjets*, objetos descartáveis de consumo etc.).

Em segundo lugar, uma renúncia total aos ideais humanísticos e à pretensão de desenvolver uma subjetividade singular.

É possível que eu seja considerado pessimista ao expor esse panorama sombrio, uma vez que ele só atinge uma parcela da população mundial: os incluídos na faixa dos economicamente favorecidos, dados ao consumo de bens materiais.

Puro engano, não há excluídos desse discurso. Há os que têm a ilusão de ter acesso aos bens sem pagar por isso o seu tributo ao capital e há os que, por se sentirem excluídos do consumo desses bens, têm a ilusão de serem inferiores, identificando-se com o dejeto desse mundo, o lixo produzido ou descartado pelos ricos.

Nosso inconsciente, como sabemos, se constitui a partir dos significantes do Outro (social, cultural, parental etc.). Dessa forma, somos todos um produto dessa globalização massificante. Assim sendo, para manifestarmos o nosso mal-estar, nos servimos desses significantes. Como estamos lidando com uma cultura de aparência (vale mais quem se aproxima mais dos modelos propostos pelo mestre – juventude, beleza, higidez física etc.) que é a cultura do imaginário, do narcisismo, é no corpo (sede do imaginário) que vamos localizar nosso sofrimento, tal qual as histéricas de Freud: protestamos então com nossa bulimia, anorexia, toxicomania, alcoolismo, compulsão ao consumo, ao sexo, ao trabalho, ao lazer, aos exercícios físicos etc. Tudo isso para não enfrentarmos nossa experiência de vazio, que muitas vezes surge sem máscaras como uma angústia insuportável.

Chego assim ao âmago da questão do debate.

Como psicanalistas, como responder a esse mal-estar contemporâneo?

Como acolher a demanda, quase sempre formulada em caráter de urgência, de sujeitos aos quais não foram dados os meios de formular os seus sofrimentos? De sujeitos que nos batem à porta e se apresentam como fracassados diante das exigências de performance que lhes são tiranicamente impostas?

Antes de mais nada, faz-se necessário nos despojarmos de nossa expectativa em relação a essa demanda.

Primeiramente, os pacientes que nos procuram hoje falam de um mal-estar localizado no corpo: não conseguem emagrecer, não conseguem parar de beber ou de se drogar, não conseguem gozar do sexo, não conseguem trabalhar, não conseguem manter uma parceria amorosa, não conseguem amar, não conseguem ter amigos e por aí vai. Resumindo: estão desesperados por não conseguir qualquer coisa, é a queixa da insuficiência. Mas, afinal, o que nos pedem? Certamente não mais um saber sobre si mesmos, com o qual possam brecar a repetição de padrões de comportamento ou uma culpa de ordem edípica.

O paciente de hoje nos chega em estado de urgência subjetiva; não demanda um saber; demanda um saber fazer. Saber fazer com o que o acomete não em sua mente mas no seu corpo. As palavras-chave desse paciente são: insuficiência, fracasso e baixa auto-estima. Falta-lhe confiança em si mesmo e em seus parceiros. Não consegue satisfazer às exigências de gozar, ter sucesso, aparecer, ser admirado.

Essa exigência do bom desempenho não depende de classe social nem de meio cultural. Não depende tão pouco do gênero. É a exigência de um imperativo interno, de um super eu tirânico.

No meu percurso de analista, buscando sempre novas saídas para os impasses, tenho encontrado uma ajuda no chamado "último ensino de Lacan".

É bom lembrar que esse chamado "último ensino" não representa nenhum corte epistemológico com o início do seu ensino. Suas contribuições no que diz respeito à fala continuam válidas. Entretanto, sem abandonar as três consistências por ele introduzidas na psicanálise para dar conta da experiência humana, o real, o simbólico e o imaginário, radicaliza a importância do real que precisa ser visado pelo analista ao conduzir uma análise.

Lacan começa sua trajetória de analista debruçado sobre a psicose e, após um longo percurso que todos nós conhecemos, é na psicose que busca uma saída para os impasses da clínica.

Começa com Aimée e termina com Joyce.

Inspira-se na escrita de Joyce para formalizar um conceito que muito nos interessa na clínica de hoje, o conceito de *sinthoma* (com th), para diferenciá-lo do sintoma freudiano.

Nesse último ensino, Lacan parte da hipótese de uma foraclusão generalizada, no início de nossa humanização, momento em que ocorreu o traumatismo mítico causado pela imposição da linguagem, pelo atravessamento do ser vivo pela linguagem. Essa foraclusão generalizada

é a ausência de um significante primordial (organizador e orientador da vida mental, possibilitando ao infans enfrentar a experiência de caos, de imersão num meio de anarquia pulsional).

Para sobrevivermos como seres falantes, para emergirmos desse puro real, temos como possível defesa a formação de um inconsciente, fruto de um recalcamento de representantes de coisas ou de palavras, que nos permitirá partir para uma experiência edípica de orientação no mundo a partir da formação de uma fantasia que nos possibilitará constituir uma realidade que poderá ser compartilhada com os semelhantes.

Entretanto, antes de dispormos dessas defesas (inconsciente, édipo e fantasia), indispensáveis à constituição de uma estrutura, podemos dispor de uma defesa prévia, que se institui como uma suplência que nos possibilita suportar esse real sem lei. É essa suplência a responsável pela amarração das três consistências lacanianas (real, simbólico e imaginário). Foi a essa formação que se constitui como suplência que Lacan deu o nome de *sinthoma*. Esse *sinthoma*, apesar de necessário, diferentemente do sintoma freudiano, não é uma formação do inconsciente, portanto, não é interpretável.

Nosso desafio agora é articular esse *sinthoma* à clínica psicanalítica dos nossos dias, articulá-lo à inevitável psicanálise do século XXI e à crescente importância do imaginário no mundo de hoje, isto é, articulá-lo aos acontecimentos de corpo, conduzindo-o a funcionar como formação necessária à diminuição do insuportável da pura angústia.

O inconsciente freudiano, bombardeado pelas revoluções sociais e culturais do século XX, ameaçado pelo declínio da crença em Deus e dos ideais de toda ordem, deparou-se com o declínio concomitante da função paterna que o sustentava e regulava o insuportável do real. Com esse declínio, expande-se o real, ganhando novas modalidades de expressão. Em conseqüência dessa mudança, os sujeitos que hoje nos procuram pedindo alívio chegam praticamente sem defesas (desamparados, como nos diria Freud), com poucas formações do inconsciente edípico, que até então funcionavam como defesa contra a invasão do real, e que se apresentavam como sonhos, sintomas neuróticos etc.

Para responder a essa nova demanda, o analista tem que recorrer a outros recursos além da prática freudiana de interpretação. Suas intervenções devem ir além da interpretação do inconsciente freudiano. É no seu ato, visando alcançar o real, que o analista hoje ajuda seu analisando a alcançar seu *sinthoma*, identificar-se com ele, articulá-lo ao seu inconsciente recalcado. Nesse processo de identificação ao *sinthoma*, o analisando

luta contra o apagamento subjetivo que o havia precipitado na urgência que o levou a nos procurar.

Essa clínica, entretanto, não é simples em sua aplicação e requer do praticante uma rigorosa formação e cuidadosa análise pessoal. Trata-se de uma clínica inventiva, por um lado, mas atenta aos princípios que sustentam a psicanálise desde Freud.

Gostaria que minha participação neste debate fosse o início de uma troca entusiasmada com os colegas que a isso se dispuserem, pois é essa discussão que nos faz avançar, encontrar novas soluções e manter viva nossa formação que, na minha opinião, deve ser permanente.

Fernando Coutinho
Rua Jerônimo Monteiro, 73/301
Leblon – Rio de Janeiro
Cep: 22431-070
Tel/Fax: (21) 2540-5537